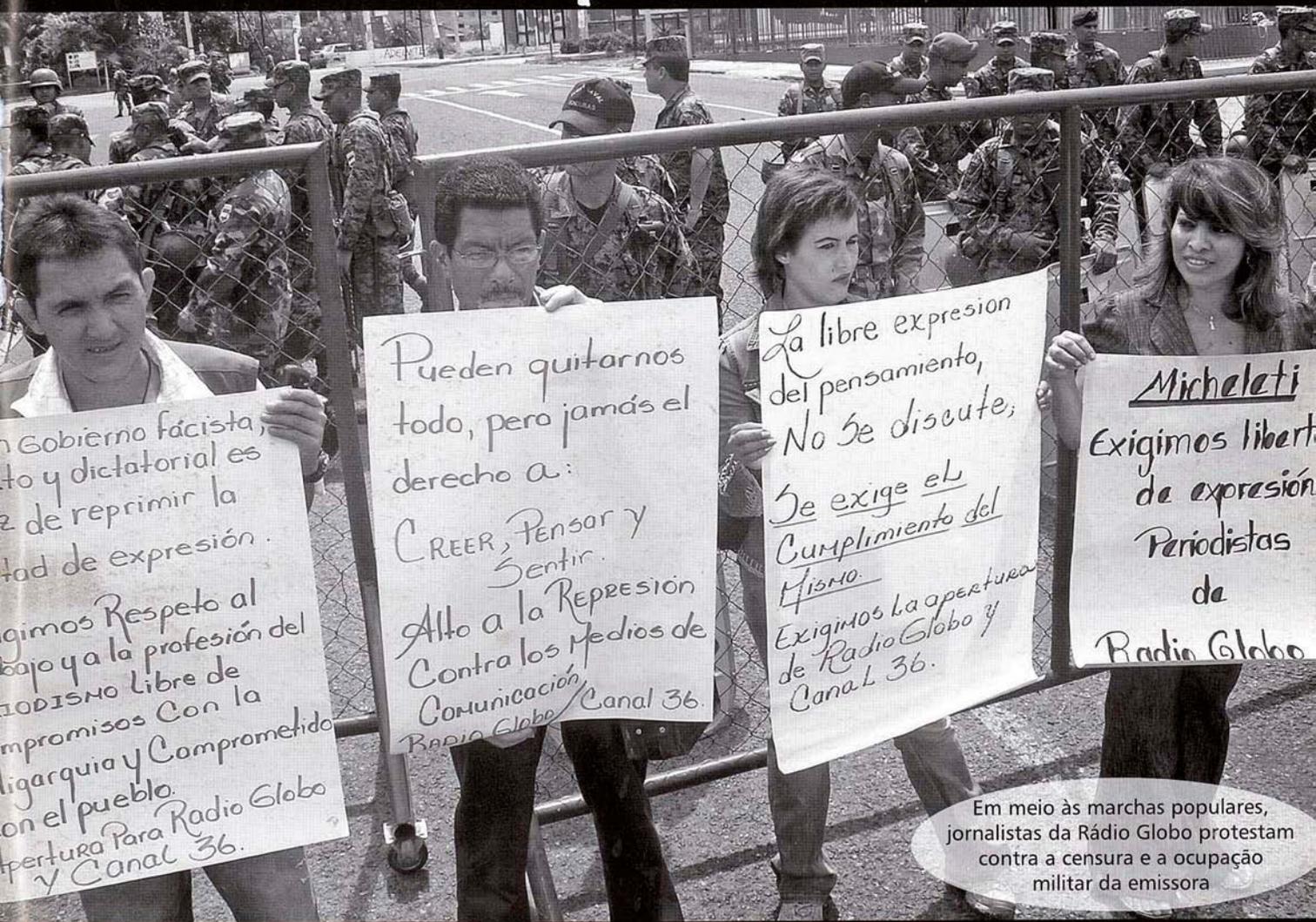


Florianópolis (SC)
março/abril de 2010
Ano 4
Nº 22
R\$ 4,00

Pobres & Nojentas

Jornalismo de resistência narra luta do povo de Honduras



Um Governo fãcista,
autoritário y dictatorial es
capaz de reprimir la
libertad de expresión.
Exigimos Respeto al
trabajo y a la profesión del
JORNALISMO Libre de
compromisos Con la
oligarquia y Comprometido
con el pueblo.
Apertura Para Radio Globo
y Canal 36.

Pueden quitarnos
todo, pero jamás el
derecho a:
CREER, Pensar y
Sentir.
Alto a la Represión
Contra los Medios de
Comunicación
Radio Globo / Canal 36.

La libre expresión
del pensamiento,
No se discute,
Se exige el
Cumplimiento del
Mismo.
Exigimos la apertura
de Radio Globo y
Canal 36.

Michéleti
Exigimos libertad
de expresión
de
Periodistas
de
Radio Globo



11 Rony Martínez, jornalista na resistência

- 04** Os dedos vão, os anéis ficam
- 09** Meu amigo menino
- 14** Na Honduras em marcha, lutadores são punidos
- 16** Mulheres em resistência, lá e cá
- 18** Serra minha e do Mar
- 22** “Já acabou a época de acabar”:
avança o valente povo xokleng

Seções

- 03** Editorial
Cuba antes, Honduras agora
- 08** Crônica
Encontro marcado
- 21** As delícias de Su&Li
- 26** Tempo Livre
- 27** Poesia
É outono

Para assinar Pobres & Nojentas

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
 - Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)



5 edições ao ano (bimestral): R\$ 25,00 (inclui as despesas com o Correio)



Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Colaboraram nesta edição:

- Billy Culleton
- Celso Martins
- Celso Vicenzi
- Elaine Tavares
- Ronnie Huete
- Míriam Santini de Abreu
- Mônica Fünfgelt
- Raquel Moysés
- Raul Fitipaldi
- Rosangela Bion de Assis
- Sandra Werle

Edição

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:
eteia@gmx.net

Projeto gráfico, Editoração e Tratamento de imagens
Rosangela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)
Sandra Werle
(MTB/SC 00515-SC)

Revisão

Mônica Fünfgelt

Artes da *Pobrecita*

- Silva
- Eduardo Schmitz

Apoio Cultural

• Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina)



Florianópolis/Santa Catarina

Cuba antes, Honduras agora

Esta edição da revista *Pobres & Nojentas* é parcialmente dedicada à Honduras, onde lutadores sociais, entre eles jornalistas, correm risco de vida desde que se instalou o golpe militar em junho de 2009. Enquanto permaneceu no poder o golpista Roberto Micheletti, um profissional foi assassinado por estar simplesmente cumprindo sua função de informar o povo de Honduras sobre a situação do país e sobre a resistência que se organizou e promoveu uma série de marchas e protestos. Outros tantos profissionais tiveram suas vidas ameaçadas, assim como a de suas famílias. Alguns destes jornalistas chegaram a sair do país, temendo ser assassinados.

Em março, o Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina trouxe a

Florianópolis o jornalista hondurenho Rony Martínez, que falou sobre a experiência da Rádio Globo de Honduras na resistência ao golpe militar. Ele contou como a pequena equipe de jornalistas da rádio decidiu enfrentar toda a repressão e apostar naquilo que é a verdade do jornalismo: informar com responsabilidade sobre o que interessa à maioria da população.

Além de Martínez, o também jornalista hondurenho Ronnie Huete mostrou o trabalho que realizou em Honduras como fotógrafo, trazendo as imagens de uma gente em luta, que nunca se rendeu ao golpe militar. Parte deste acervo está nesta edição da *P&N*, assim como fotografias do jornalista Celso Martins – ao qual agradecemos - que fez a cobertura da

vinda de Martínez a Santa Catarina.

Na edição anterior a revista foi inteiramente dedicada à Cuba, e a equipe da *Pobres* faz uma referência especial ao Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Assessoramento, Perícia, Pesquisa e Informações de Santa Catarina (Sindaspi), ao Sindicato dos Bancários de Florianópolis e Região (SEEB Floripa) e ao Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis (Sinergeria), que adquiriram exemplares para distribuir aos seus diretores e filiados. Esses apoios, assim como o do Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal em Santa Catarina (Sindprevs/SC), nosso parceiro desde a edição nº 9, de outubro de 2007, são fundamentais para a manutenção da revista.

Foto: Rosângela B. Assis



Julia Souza,
trabalhadora
em Sindicato,
lê *Pobres & Nojentas*

Pobres & Nojentas tem Boletim Eletrônico

Cadastre seu e-mail em revistapobresenojentas@gmail.com para receber o resumo das notícias, reportagens, crônicas e artigos, além da agenda do movimento sindical e popular.

P&N no Orkut

Comunidade Pobres & Nojentas

No You Tube:

<http://br.youtube.com/PobresyNojentas>

P&N no Twitter

www.twitter.com/pobresenojentas

Blog da revista teórica (comunicação e jornalismo)

<http://revistapobresenojentas.wordpress.com>

Blog da revista: <http://pobresenojentas.blogspot.com>

Os dedos vão, os anéis

Texto e fotos: Billy Culleton,
de Florianópolis

Esta é uma história real sem final feliz

Waldir perdeu a esperança há mais de duas décadas. Recentemente, foi um dedo. No último estágio da dignidade hu-

mana, Waldir percorre as ruas centrais de Florianópolis como um bicho. Diz frases desconexas e revira o lixo buscando algo para comer.

Nunca pediu qualquer ajuda e não aceita dinheiro. Decidiu ficar absolutamente fora do sistema. Ou teria sido a vida que o arrastou para isso?

Há três meses a sua mão direita estava imóvel por uma infecção no dedo anular. Num lapso de vaidade, para se enfeitar, colocou como aliança um lacre de ferro, redondo, similar àqueles usados para apertar a mangueira do botijão de gás. Não conseguiu mais tirar. Quanto mais mexia, mais apertava. A circulação ficou prejudicada e o dedo, imprestável.

A cada tentativa minha de levá-lo para atendimento médico (foram três, nos últimos meses), ele respondia, em meio a frases sem sentido, que não iria, pois tinha "muitos compromissos". E saía andando, com seu fedido saco nas costas.

No final da tarde de uma sexta-feira de novembro, enquanto perambulava pela Praça 15, o abordei novamente e o questionei sobre o dedo. "Vamos tratar disso? Vamos para o hospital?", insisti, sem muitas esperanças. Embalado pelo álcool, raríssimas vezes presente no seu cotidiano, ele aceitou. Caminhamos juntos por 12 quadras, sob os olhares curiosos dos transeuntes, que questionariam o que estaria fazendo um homem comum, bem vestido, junto a uma figura barbuda, com terrível odor e que se deslocava em

zigue-zague pelas calçadas. Eu, incrédulo, temendo que a qualquer momento ele desistisse da empreitada. "Você vai ficar comigo, né?", repetia ele, na tentativa de confirmar a promessa recebida para ir até a Emergência do Hospital Celso Ramos.

"Vão atorar a minha mão!"

Dentro do hospital, Waldir atendia aos comandos curtos e objetivos do seu acompanhante para ficar sentado, quieto, na sala de espera, ou para se dirigir até o consultório médico.

Os profissionais da Medicina ficavam apavorados ao olhar para aquela mão com um dedo inflamado e infeccionado, esgoelado por um círculo de metal en-

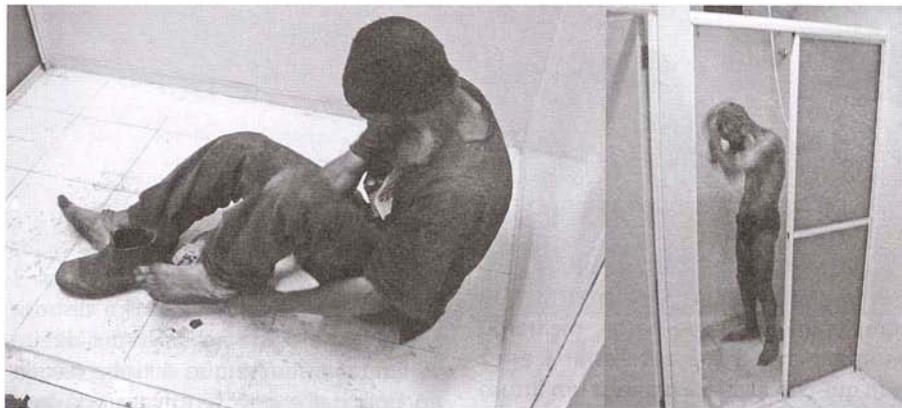


ficam

ferrujado. “Vamos ter que amputar”, se limitavam a diagnosticar. Antes disso, um raio-x. Na sala, a atendente pede ao homem mudo e fétido para colocar a mão em cima de uma estrutura de ferro para fazer a placa. “Vão atorar a minha mão, quero sair daqui!”, gritou Waldir, sendo acalmado rapidamente, com explicações sobre a ‘foto’ que seria feita. Sozinho, na sala escura, ele voltou a se impacientar com os estalos secos da velha máquina de raio-x, que dava motivos para o paciente achar que algo de muito ruim poderia estar por vir. Porém, ele ‘sobreviveu’.

Foram horas de argumentação para que os médicos aceitassem fazer a cirurgia naquela noite e não na “próxima semana”, com horário marcado e tudo. O principal argumento era que o morador de rua jamais voltaria por conta, e que a infecção tomaria proporções que significariam uma condenação à morte. O próprio Waldir chegou a pensar em desistir, para alívio momentâneo dos médicos.

Mas recebeu um ultimato: “Esta é uma oportunidade única. Você sabe que não vai voltar. Se continuar assim, nas ruas, vai morrer”, afirmei, em tom ameaçador, o que fez ele voltar atrás e aceitar o inevitável.



Se preparando para o banho...

... depois de anos

Rio de água preta

Após a confirmação da internação, o mandaram tomar um banho, algo que ficava evidente que não fazia há muitos anos.

No banheiro, ele iniciou o tira-puxa para se desfazer das roupas encardidas. As velhas e folgadas botinas saíram com facilidade, mas os dois pares de meias pretos – e que alguma vez foram brancos – estavam colados à pele. Só rasgando para sair. “Que catinga, né?”, disse ele, sorrindo, num lampejo de lucidez.

Ficou 15 minutos embaixo do chuveiro, enquanto um líquido marrom escorria por seus pés. Se deliciava com aquele jato, enquanto parecia acariciar ferozmente a água, passando as mãos pelo rosto barbudo e, periodicamente, suspirando um longo ‘aaah!!’ de satisfação. Parecia com saudades daqueles momentos, que não experimentava desde o século passado.

As unhas dos pés, pretas, faziam uma curva de três centímetros. Após o banho, ele insistiu em procurar uma tesourinha que dizia ter dentro de seu pesado saco, cheio de ‘coisinhas’. “É para cortar essas unhas, senão o que vão pensar?”, justificou, ao longo dos cinco minutos que demorou para achar a velha ferramenta

que o deixaria um pouco mais humano.

Já com roupas novas oferecidas pelo hospital, voltou à sala de espera, onde lhe foi colocado o soro. Pensativo, se limitava a dar alguns sorrisos. Até que num certo momento, cabisbaixo, começou a chorar, talvez lamentando seu futuro com nove dedos.

“Tens aqui ao teu lado um companheiro que vai te acompanhar em tudo. Aqui vai ser o melhor para resolver este problema”. Ele recebeu o consolo, em silêncio, sentindo no seu ombro a mão do amigo, que em alguns momentos parecia seu algoz.

Após ser internado formalmente, foi acomodado numa maca no corredor do hospital. A cirurgia para amputação do dedo ocorreu com sucesso na manhã de sábado. Depois ficou internado numa sala com outros quatro pacientes.

A ressocialização pelo carinho

Nos primeiros dois dias, Waldir manteve total silêncio e negou-se a comer ou beber, apesar da insistência das enfermeiras. A solução foi colocar um soro para mantê-lo com forças. Tentou fugir do hospital duas vezes. Depois desse tempo de luto é resistência, iniciou uma lenta socialização, aceitando se alimentar

e começando a se comunicar monossilabicamente.

A inédita atenção recebida, incluindo uma enfermeira que raspou completamente a sua barba, melhorou enormemente a sua auto-estima e fez com que começasse a planejar um futuro diferente: "Vou arrumar um emprego e consertar os dentes", dizia, referindo-se ao completo vazio na parte de cima da sua boca.

Mas a aparente lucidez se desconstruía, na sequência, com afirmações como: "hoje te vi na televisão. Em qual time que você é goleiro?" ou "meus amigos têm campo na Iugoslávia...". Um Pai Nosso rezado ao final de cada visita diária parecia aliviá-lo e lhe dar força.



Internado, na maca, no corredor

Pensão, nem pensar

Sem parentes ou amigos à disposição, a visita diária à qual tinha direito se limitava àquele que o tinha levado ao hospital e que tentava ajudá-lo a encontrar um local para ficar após a alta hospitalar.

O poder público não poderia acolhê-lo porque Waldir tem 56 anos, quatro a menos que o mínimo permitido para ser internado num asilo, por exemplo. Embora, pelo seu aspecto e sem documentos, ninguém acreditaria que tivesse menos que seis décadas.

Uma alternativa era uma pensão, num hotel econômico no Estreito, parte continental de Florianópolis. Por R\$ 230 por mês teria um quarto com cama e pia, além de banheiro e cozinha coletiva. O valor seria pago pelo seu 'benfeitor', sem maiores prejuízos para seu orçamento. Pelo menos um lugar para se recuperar nas primeiras semanas após sair do hospital.

Três dias antes da alta hospitalar, ao ouvir a proposta da pensão, Waldir ficou em silêncio e disse: "Não posso ir para o Estreito. Me disseram para nunca mais ir pra lá que estão me esperando". "Quem? Por que?" "Eles, os caras...". "Onde, então? Para qual bairro você quer ir?" "Não precisa lugar nenhum, eu me viro".

A decepção tomou conta de mim, mas lembrei mais uma vez que não se pode mudar alguém por força externa.

Após 10 dias internado, já sem perigo de infecção, ele saiu do hospital absolutamente recuperado, com apenas uma bandagem na mão.

Na segunda-feira de manhã, fui buscá-lo para ter a alta. Após assinar os documentos e agradecer a atenção



Depois da cirurgia, numa sala com mais quatro pacientes

dispensada ao Waldir, nos retiramos. Eu emocionado, enquanto ele, cabisbaixo, se limitou a dizer um tímido e seco: "Chau, pessoal".

Os colegas de quarto e funcionários foram efusivos na despedida, mas não obtiveram retorno daquele que voltaria para seu mundo na rua.

Dentro do carro, mais uma tentativa: "Não quer ver a pensão?" "Pode ser". Lá fomos nós. Há mais de duas décadas que ele não andava de carro. Ao atravessar a Ponte Colombo Salles, Waldir parecia em êxtase. "Que legal", limitou-se a dizer. Chegando na frente do hotel, ele disse que não precisava nem descer, não queria. "Algum outro lugar?" "Não, me deixa no matagal".

Sem alternativa, o deixei no lugar combinado e dei uns trocados. Despedimos-nos com um abraço emocionado que somente eu dei, já que ele o recebeu com os braços abaixados. "Tchau, Waldir, se cuida e se precisar de alguma coisa me procura!", disse, sabendo que jamais o faria. Ele atravessou a rua e se perdeu no meio do mato.

O homem da toca

Dez dias se passaram e ao não encontrar o Waldir pelas ruas decidi buscá-lo. Fui até o grande matagal para ver se encontrava o lugar onde se 'escondia'. Após 10 minutos de busca, subi num morrinho e vi ao longe um amontoado de pertences. "Te encontrei", pensei, feliz.

Corri entusiasmado. Ao chegar ao local, era um amontoado de coisas cobertas por plástico, amarrado com cordas, de 40 cm de altura e dois metros de extensão. "Aqui é onde Waldir guarda as suas coisas", pensei.

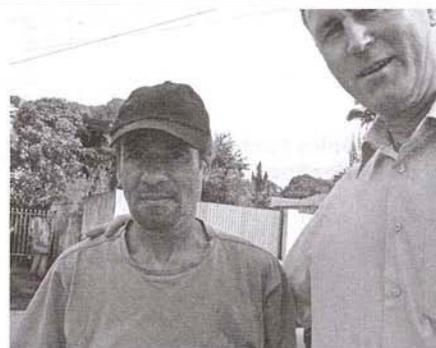
Olho, investigo, pesquiso nas redondezas. "Será que está por aqui?" "Waldir!", grito. Nada. Decidi deixar um bilhete para que soubesse que o tinha procurado. Escrevo num papelão: "Olá, Waldir. Como está esse dedo? Abraço do teu amigo, B". Para não ser levada pelo vento, decidi colocar a mensagem sob uma das cordas que amarravam os pertences. Nesse momento, um repentino rosno vindo de dentro do amontoado de papelões quase me fez cair duro de sus-

to. - "O que é?", dizia a voz. - "Waldir? É você?", esbocei dizer. - "Eh..." - "Vem pra fora, que eu vim te visitar".

Não dava para acreditar que dali de dentro pudesse sair um ser humano. Porém, após alguns minutos de insistência surgiu de uma pequena abertura um Waldir magro e barbudo, que me recebeu sem muita animação. O amontoado de entulho encobria uma toca que se estendia por 30 centímetros abaixo da terra, possibilitando que uma pessoa ficasse deitada dentro de seus dois metros de comprimento.

A contragosto, contou que desde a saída do hospital havia ficado na sua toca e não tinha comido desde então. "Você está trabalhando como guarda, aqui?", me questionou várias vezes. "Que guarda nada, sou o teu amigo, rapaz!", o repreendia, na tentativa de tirá-lo da paranóia, desta vez justificada, já que ele não poderia estar 'habitando' nesse lugar público.

Depois de conferir que a sua mão estava recuperada, me ofereci para buscar comida. Ele consentiu. Fui no mercado



Na saída do hospital, recuperado

e comprei alguns mantimentos que não precisassem de refrigerador. Sucos, isotônicos, embutidos, bolachas e sopas instantâneas, além de um sabonete.

Quando voltei com o 'rancho', ele, que prometera me esperar, já não estava mais ali. Deixei as sacolas e aproveitei para investigar como era a toca por dentro. Alguns cobertores, garrafas e pequenas ninharias, que imaginei serviriam de talismã para ele.

Decidi deixar o Waldir em paz e lançar um apelo: autoridades, por favor, não façam nada. Ele não quer. Temo que a única coisa que poderão fazer é tirá-lo do lugar proibido em que ele decidiu morar há quase uma década, sem nunca incomodar ninguém.

Fica com Deus, Waldir! É Ele quem te acompanha, protege e consola, coisa que os humanos não conseguimos fazer!



Vista da toca, por fora



Interior da toca



Esta é uma história real sem final feliz

Encontro marcado

Por Mônica Funfgelt,
de Florianópolis

Todos os dias eu passo pelo mercado público. O centro da cidade não teria o mesmo charme sem o prédio. Suas lojas de calçados de um lado, com seus vendedores sempre perguntando “posso ajudar?” e, do outro lado, as peixarias. Aquele cheiro característico, o burburinho de quem já chega cedinho para comprar o peixe fresco.

Além dos bares... Aqueles bares onde o bolinho de bacalhau, o pastel de berbigão e o chope são imperdíveis.

E o vão central. Lugar de gente, de música, de aromas e cores. Tenho boas lembranças do Mercado. Fiz amigos, levei primos que vieram de longe, comprei peixe e sapatos.

Dia desses, encontro marcado, esperava por ali, perto da Alfândega, e comecei a observar o lugar.

As pombas, que são alimentadas pelo dono da agropecuária do vão central, lá onde tem aqueles pássaros exóticos em gaiolas grandes e onde coelhos e cachorros esperam ser comprados pelo pai daquele menino pidão.

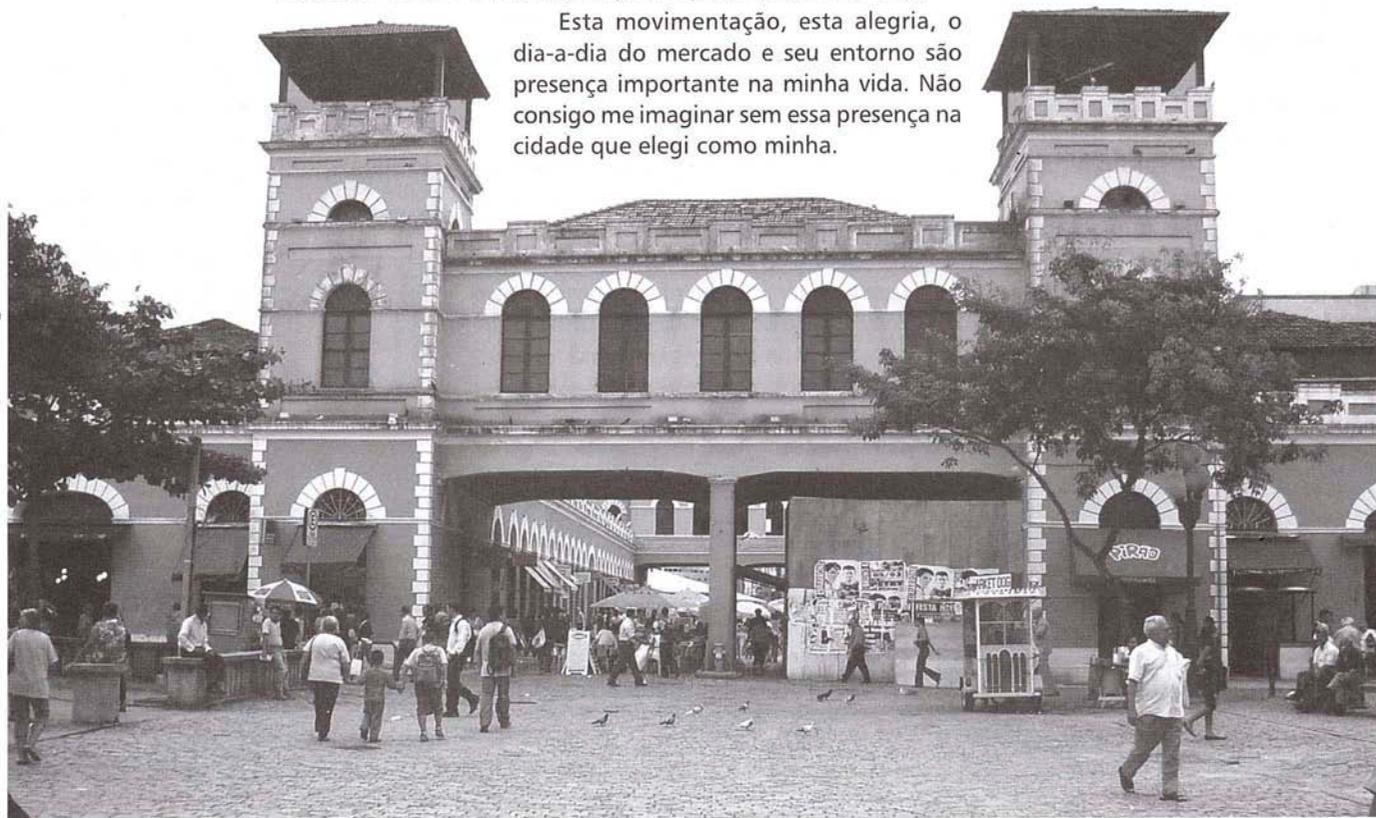
As pessoas ficam sentadas pelas sombras, na mureta do espelho d’água.

Os carros passam pela rua.

No coreto, moradores de rua fazem uma espécie de reunião. Uma mulher grita, fala palavrões, discute. Logo em seguida, duas menininhas chegam e me perguntam: “Tá fazendo o que aí, tia?” Respondo: “Tô esperando um amigo”. Elas riem e saem correndo, despreocupadas, felizes da vida.

Esta movimentação, esta alegria, o dia-a-dia do mercado e seu entorno são presença importante na minha vida. Não consigo me imaginar sem essa presença na cidade que elegi como minha.

Foto: motoblog.com.br



Meu amigo menino

Por Raquel Moysés, de Florianópolis

Ilustração: Eduardo Schmitz

Um terno menino. É assim que gosto de me lembrar de Alexandre, um garoto que eu conheci por puro acaso. Por uma dessas afinidades que não se explicam, uma manhã ele me escolheu para ser sua amiga e, sem que eu percebesse, entrou na minha vida. Pediu uma carona até a rua principal do Córrego Grande, onde fica a escola pública que ele frequentava e, daquele dia em diante, muitas vezes já o encontrava me esperando. Às vezes a gente se perdia em meio aos desencontros provocados pelo trânsito enraivecido: engarrafamentos na ponte, acidentes na subida do Pantanal, uma fila gigantesca de carros no caminho do Córrego. Mas quando nossos horários batiam, era uma alegria viver aqueles minutos de serena convivência.

Aos poucos, ele foi me abrindo seu mundo e eu ia lhe oferecendo umas gotinhas esparsas da experiência de criar filho que se vai avolumando ao longo dos anos de maternidade. Compartilhava com ele ideias para sofrer menos no “sistema” educacional que cultiva seres humanos como se fossem hortas de couve. Um único canteiro onde semear conteúdos programados e impostos para um certo período, que raramente coincide com o tempo de cada um para elaborar a aprendizagem e, principalmente, a necessidade urgente que os humanos têm de bem viver.

Assim, aos poucos, sempre nas pequenas medidas que o tempo nos permitia, ia lhe sugerindo como suportar a angústia do tempo das “provas” torturantes. Que não levam em conta que o aprendizado se dá no momento mesmo em que os estudantes vão adentrando os mistérios dos conhecimentos. Que não levam em conta que só se pode aprender a partir de sentidos e significados reais para a vida verdadeira.

Orientei-o sobre a importância de ler

livros, mas também sobre a essencial leitura de mundos. Ele nunca tinha ouvido falar de Paulo Freire, mas logo percebeu a beleza que se pode apreender ao olhar ao redor, assombrar-se com o que se vê, buscar entender e, então, enxergar que o mundo é muito maior, complexo, assustador, desafiante, doloroso e belo do que aquilo que os manuais das escolas ensinam.

Fomos ficando amigos a ponto de ele me confidenciar suas aflições e pequenas alegrias. Descobri que vivia num “lar de meninos” porque o juiz assim determinara, depois de ter sido apanhado nas ruas pedindo dinheiro, por ordem dos pais. Família de muitos meninos e meninas, pai desempregado e mãe com trabalho incerto, a vida era dura na casa paterna,



mas Alexandre a preferia ao lar emprestado em que a justiça o colocara, e ansiava pela hora de poder retornar entre os seus.

Voltava alegre quando, a cada duas semanas, lhe era permitido visitar a família. Até que um dia, perto do final do ano, os olhos o desmentiram. Eram de uma tristeza profunda, nublados por um manto de melancolia. Acabou confessando que, naquele último final de semana, tinha sido surrado pela mãe ao procurar separar uma briga de dois irmãos. Trazia o rosto repleto de pequenas machucaduras. E as unhas que deixaram seu rosto lacerado tinham sido dadas pela mãe, segredou-me com mágoa na voz.

Desse dia em diante o vi ainda poucas vezes. Em uma delas o afligia uma alergia entre as pernas que mal lhe permitia caminhar. No dia seguinte lhe entreguei uma pomada, sempre com o cuidado de ligar para a "casa dos meninos" onde vivia, para avisar os responsáveis sobre a origem do medicamento.

No último mês de nossos encontros Alexandre completou 11 anos. Até me convidou para festejar o aniversário, quando os meninos da casa-lar dividiriam um bolo. Não pude encontrá-lo naquela tarde, mas ainda o vi um par de vezes antes do desencontro final.

Depois desse dia não mais o encontrei no meu caminho. Eu lhe pedira várias vezes um telefone de contato para quando voltasse à casa dos pais, mas, no último dia em que

nos vimos, ele se esquecera mais uma vez de trazer o número do celular de um irmão mais velho, que havia prometido me dar.

E assim, ficamos separados por um número. E agora, pensando nisso, mais uma vez constato que os humanos são separados uns dos outros por números: as estatísticas, as classificações, a competição, os prêmios, os méritos, as diferenças salariais, as notas, as médias, as vagas no vestibular, os postos de trabalho, a conta bancária, o número com que um ser humano é identificado na prisão. Nossas vidas numeradas e vendidas a preços de liquidação...

E assim, por causa de um número, me falta a fugidia presença desse menino, que vivia em uma instituição, órfão de pais vivos. Sempre sigo pelas ruas na expectativa de ver apontar de alguma esquina ou canto de estrada sua figura saltitante.

Quando voltasse à casa dos pais, eu lhe pedira que mantivesse acesas a doçura e a honestidade que via em seus olhos. Ele me prometeu ser justo e sincero. Mas o que pode um menino sozinho diante da vastidão do desamparo e da injustiça?

Toda manhã, a caminho do trabalho, busco seu pequeno vulto, e me torna à memória a confissão que pronunciou numa manhã de chuva, em voz baixa, com o olhar iluminado por infinita ternura.

Eu também te amo, meu amigo menino...

América Latina – Soberania e Paz

DESACATO

www.desacato.info

desacatobrasil@gmail.com





Rony Martínez, jornalista na resistência

Por Elaine Tavares, de Florianópolis
Fotos: Celso Martins

Era o dia 27 de março de 1984. No pequeno povoado de Porvenir, Honduras, na fronteira com a Nicarágua, nascia um garotinho de boca carnuda e olhos de azeviche. O primeiro de uma família simples, camponesa, enredada na difícil tarefa de viver num país marcado pela exploração das empresas estadunidenses, pelos golpes de estado e pela pobreza extrema. Em Porvenir (que na língua espanhola significa “futuro”), naqueles dias não havia luz nem água tratada. Hoje, 25 anos depois, tudo segue igual. Mas o garoto não está mais

lá. Ele agora é parte da história do país, junto com um heróico grupo de jornalistas da Rádio Globo Honduras.

Rony Jonathan Martínez Chavez desde cedo conheceu a história das gentes latino-americanas e sua saga de libertação. Seu pai não apenas tratava a terra para fazer nascer o alimento, mas desde sempre tratava a alma e o espírito, lendo sobre as lutas dos povos, acompanhando a batalha dos sandinistas que, ali, bem do lado, construíam uma revolução vitoriosa. Destas conversas ao pé do fogo, foi se forjando no

agitado guri o desejo de enlaçar o futuro, o “porvenir” que se expressava como promessa no próprio nome do seu lugar. Então, com 14 anos, ele juntou umas roupinhas e se foi à capital.

Tegucigalpa – de um milhão de habitantes – era um universo gigantesco para o jovem camponês, que na bagagem, além dos trapinhos, só trouxera esperanças, simplicidade, lealdade e honradez, estas coisas que forjam as gentes camponesas de “nuestra América”. Foi morar com uma tia e logo saiu em busca de trabalho. O primeiro foi quase que

como escravo em uma empresa comandada por chineses. Trabalhava das sete da manhã às sete da noite e seu corpinho franzino tinha de aguentar a fome e o esgotamento. Depois, andou por outros tantos empregos, sempre explorado, já que pouco estudo tinha.

Como a água que corre para o mar, Rony meteu-se na política. No colégio, onde resolveu seguir os estudos, envolveu-se com a luta e desde então não parou mais. Por conta da voz aveludada foi chamado pelos líderes do Partido Liberal para ser mestre de cerimônia do candi-

dato Elvin Santos (este foi também candidato do partido agora em 2009, no processo que elegeu Pepe Lobo). Ele conta essas peripécias entre risadas. “Eu andava lá, com Elvin, metido na juventude liberal. Não imaginava que a vida iria dar uma guinada tão grande e eu iria me transformar num defensor de Mel Zelaya e do povo hondurenho”.

O golpe

Para Rony Martínez o golpe levado a cabo pelos militares em Honduras, no mês de junho de 2009, fez nascer um

novo país e um povo renovado. Ninguém poderia imaginar que aquela gente, que andava calada desde as grandes greves bananeiras dos anos 50, iria despertar com tanta força e com tamanha sede de transformação. Ele mesmo, em seus pensamentos mais revolucionários, jamais sonhara com o que aconteceu.

Por conta da bonita voz e do trabalho que já desenvolvia os amigos disseram: procura Dom David (David Romero, jornalista que estava na direção de uma rádio modesta, a Globo, mas que sempre fora crítica). Acreditavam que Rony pudesse ter chance de trabalhar na emissora, que tinha alcance nacional. Ele hesitou, pensou, e decidiu buscar o veterano jornalista. Este o escudou, percebeu que ali

estava uma boa voz, um bom rapaz, um bom faro jornalístico e mandou que fosse ter com ele no programa da manhã, que começa às seis horas. Era já um teste. Se o guri resistisse, ficava. Rony resistiu. Por alguns meses ele ali ficava ao lado de Dom David, dando apenas a hora. "Em Honduras, seis horas e seis minutos".

Só mais tarde passou a produzir, buscar notícias pelo mundo afora, redigir, narrar. Então veio o golpe e tudo mudou. A Rádio Globo se converteu no único espaço de resistência com alcance nacional, visto que o seu sinal estava em 16 das 17 províncias (estados) do país.

"No dia do golpe, chegamos à rádio e ali estavam os militares. Não nos deixavam entrar. Os demais veículos estavam

no ar. Só nós estávamos impedidos. Então, conversamos e os convencemos que iríamos dizer o que nos mandavam, que aquilo era uma substituição constitucional. Mas, assim que entramos no ar passamos a dizer ao povo de Honduras e ao mundo que aquilo era um golpe de estado. Como chamar de substituição constitucional o sequestro de um presidente, os tanques na rua, os militares por toda a parte? Era um golpe e assim noticiamos. Durou apenas 10 minutos a transmissão e nos cortaram". Rony conta que, logo, ele, David e o técnico improvisaram uma antena e seguiram transmitindo para parte da capital. E continuavam denunciando pela internet. Só às cinco horas da tarde, os milicos voltaram e aí sim levaram todos presos, menos Dom David, que fugiu pela janela.

A rádio Globo é uma rádio comercial como qualquer outra no país, pertence a um empresário chamado Alejandro Villatoro. Ele estava lá quando chegaram os militares, foi levado, humilhado. Aquilo o enfureceu. Por isso não hesitou em autorizar aos seus funcionários: "Que digam a verdade ao povo". E assim foi. A rádio Globo se converteu no principal instrumento de informação de toda a gente em Honduras. De cada vila,

povoado, cidade, das ruas, o povo ligava para a rádio a passar notícias. Os repórteres questionavam os golpistas, faziam perguntas impertinentes, mostravam as contradições. Saíam às ruas com as gentes nas gigantescas marchas. A programação da Globo passou a ser puro jornalismo. "Num espaço de poucos meses já éramos a rádio mais escutada em Honduras, e de todo mundo outras rádios se enlaçavam, divulgando o que acontecia por lá".

Mais tarde a rádio foi fechada outra vez e então os jornalistas transmitiam desde a clandestinidade. Num pequeno quarto de uma desconhecida casa, informavam ao mundo, via internet, sobre cada ação da resistência. Nas cidades do interior, as rádios comunitárias se enlaçavam ao sítio da rádio e passavam pelas ruas, com uma alto-falante, as notícias colhidas pelos jornalistas da Globo e os informes dados de toda a parte pelo povo convertido em agente de comunicação. "Foi uma coisa incrível, um ato histórico, jamais visto. Durante os meses todos que durou o golpe, o povo marchou pelas ruas, em atos gigantes, e sempre acompanhado pela rádio Globo".

O Brasil

Na pequena ilha de Santa Catarina, em Flo-

rianópolis, o golpe militar em Honduras foi acompanhado via rádio Globo. A emissora passou a ser um ícone do jornalismo de resistência, transmitindo a verdade sobre os fatos, sem medo, sem meias palavras. Jornalismo de verdade. Quando ela foi fechada, foi-se para a rua, fez-se murais denunciando a situação, colheu-se assinaturas que posteriormente foram enviadas ao governo golpista, por iniciativa do jornalista Raul Fitipaldi e logo encampada pelo Sindicato dos Jornalistas. Nasceu um vínculo profundo entre Honduras e Florianópolis. Depois, o presidente deposto, Manuel Zelaya se abrigou na embaixada brasileira e Honduras passou a fazer parte do dia-dia nacional. O jornalista Celso Martins criou um blog específico sobre o tema, o Portal Desacato se converteu em espaço de debates, a Revista Pobres e Nojentas se juntou e assim surgiu a idéia de trazer o jovem jornalista Rony Martínez para conversar com os jornalistas locais sobre o golpe e sobre o jornalismo. E ele chegou em 14 de março de 2010.

A passagem de Rony por Florianópolis deixa marcas profundas. Organizadas pelo Sindicato dos Jornalistas, conferências realizadas nas três faculdades de jornalismo da capital colocaram os estudantes a par do que



seja fazer jornalismo em tempos de cólera. Ao contrário dos colegas jornalistas, que, sintomaticamente, não apareceram em qualquer atividade, os estudantes aproveitaram ao máximo. Ouviram as experiências da rádio Globo, conheceram as histórias do golpe e da cobertura jornalística e, sobretudo, tomaram contato com um tipo de jornalismo que não conseguem vislumbrar aqui no Brasil, a não ser em poucos veículos alternativos: o que se compromete com a maioria. O que fica do lado das gentes, na alegria e na morte.

Rony contou sobre o golpe, sobre as lutas, sobre o jornalismo e falou ainda sobre as ameaças que sofrem os profissionais do jornalismo que insistem em dizer a verdade. Falou do medo, da dor de ver o povo sendo morto, assassinado, desaparecido. Contou das mulheres que tomam a dianteira nas marchas, dos jovens que arriscam a vida, dos professores que cumprem sua hora histórica, dos velhos militantes que retornam às ruas. Falou com paixão da luta do povo hondurenho para retomar sua dignidade, seu presidente constitucional. "O povo não reconhece esse governo que está aí. A eleição não teve povo, foi fraudulenta. A luta agora é pela instalação da Assembleia Nacional Constituinte.



Ninguém mais quer a velha Honduras. Nasceu um novo país, há uma nova gente, consciente, capaz de dizer sua palavra".

E assim é. Aquilo que provocou o golpe, que foi a decisão de Zelaya de ouvir o povo sobre uma nova Constituinte, é o que agora fará o povo organizado. A Frente Nacional de Resistência organiza um plebiscito, uma consulta nacional, e ninguém duvida dos resultados: a gente hondurenha quer outra forma de organizar a vida. Basta de bi-partidarismo, de mais do mesmo, de exploração. A luta hoje é

prato do dia em Honduras. Essa gente que resistiu por meses, nas ruas, não dará passo atrás.

Rony Martínez também participou do II Encontro pela Soberania Comunicacional, organizado pelo Portal Desacato, e ali conversou com lideranças comunitárias, jornalistas que atuam em sindicatos, povo do MST, mulheres organizadas, jovens, sindicalistas. Com eles refletiu sobre a necessidade de massificar o jornalismo de verdade, não esse, que propaga a ideia do poder instituído. Ainda recebeu o Prêmio Volódia Teitelboim, que o

Desacato oferece a quem se destaca na prática do Jornalismo. Dividiu a honra com Míriam Santini de Abreu, da Pobres e Nojentas, Jilson de Souza, da Agência Contestado de Notícias Populares, e com a escritora Urda Klueger.

E assim, de conversa em conversa, na conferência, em casa, no bar ou na rádio Comunitária Campeche, onde conversou com a comunidade do sul da ilha, o gurizinho serepele do povoado de Porvenir tocou o coração dos veteranos jornalistas que o acompanharam nos 10 dias que passou

na ilha. Leal a seu "maestro" David Romero, ele nunca cansou de enfatizar que a rádio Globo e Dom David mudaram seu destino. "Estou vivendo um sonho pessoal e coletivo. Estou aqui no Brasil por conta do trabalho que fizemos e seguirei ao lado do povo de Honduras para a construção de um outro país. Nós vamos conseguir". Para ele, o "porvenir" (o futuro) agora está mesmo é na mão do povo. Esse povo de Honduras que segue escrevendo com sangue e garra uma das mais belas páginas de sua história.

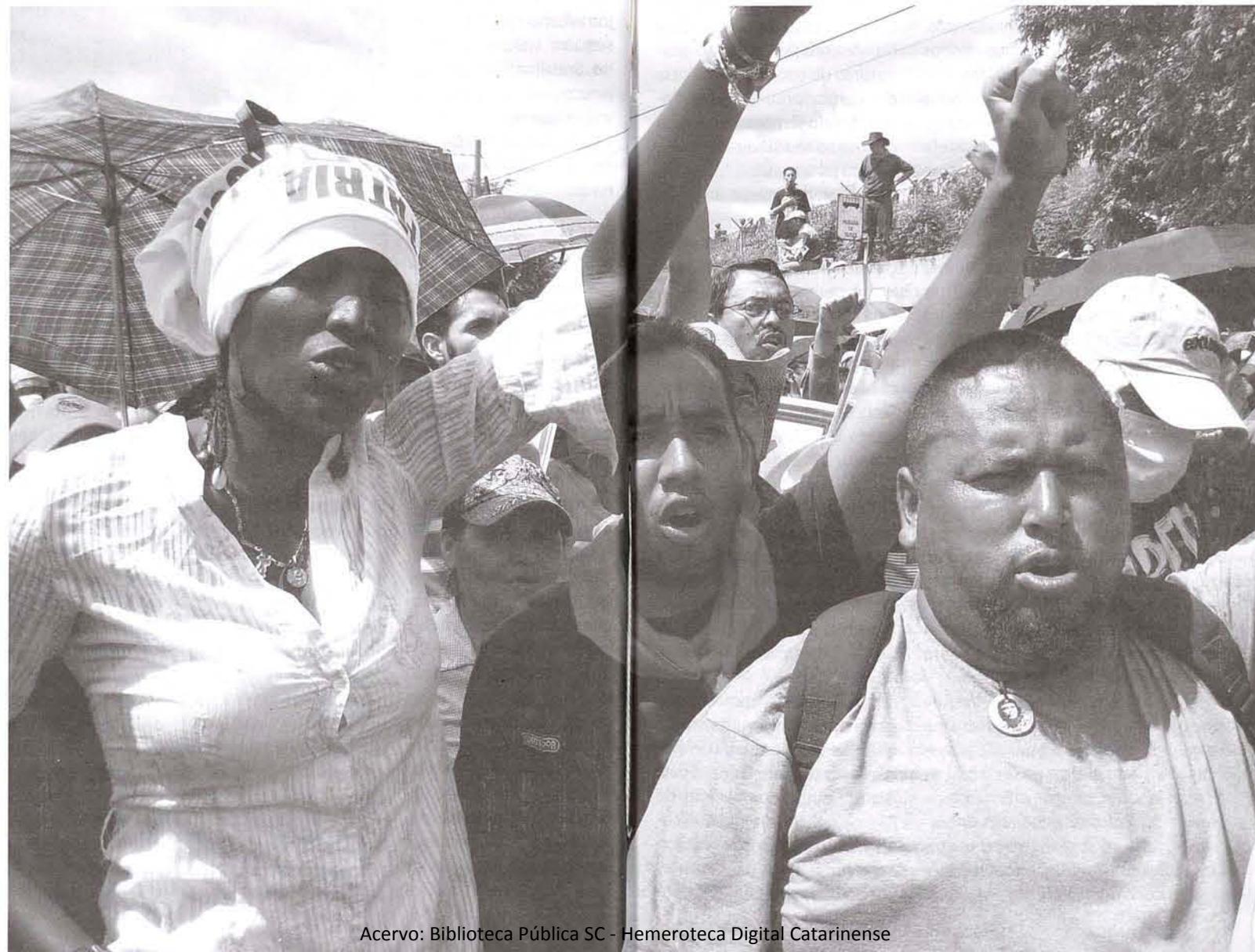
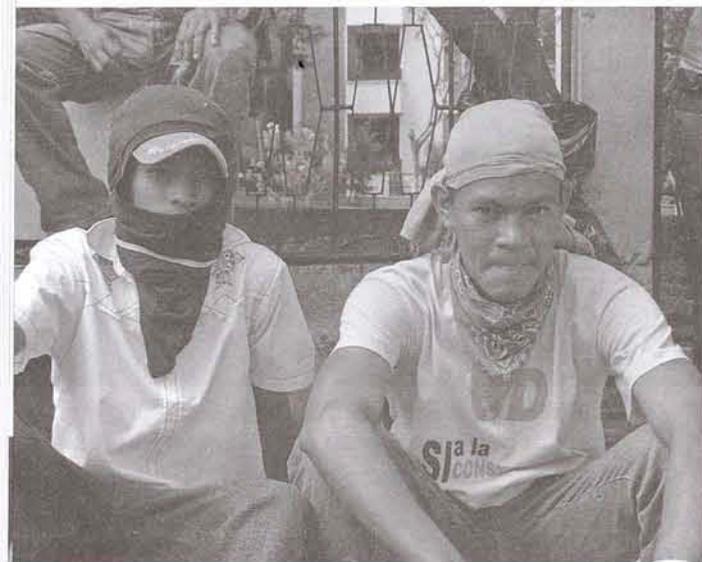
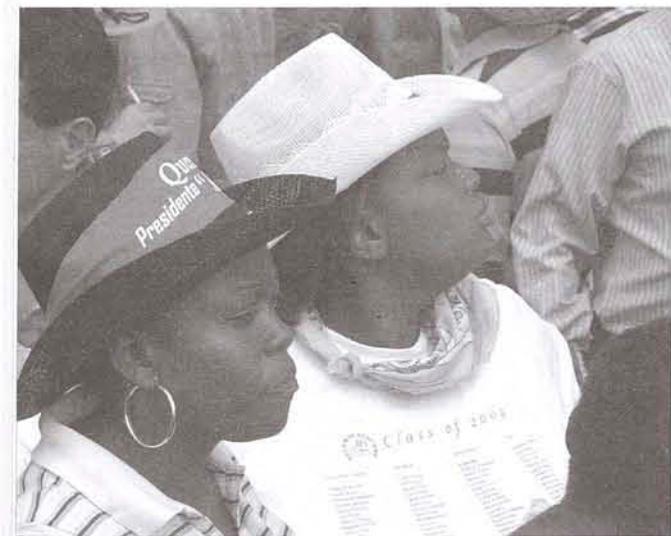
Na Honduras em marcha, lutadores são punidos

Fotos: Ronnie Huete

Passados quatro meses depois das eleições em Honduras que colocaram no poder Porfirio "Pepe" Lobo Sosa, a situação piorou. Apesar de alguns países, como os Estados Unidos, terem aceitado o governo de Lobo como um governo legítimo, a maioria dos demais países segue sem reconhecer

a eleição, uma vez que se deu num estado de exceção e sem a participação de vários partidos. Não bastasse a ilegitimidade do governo atual, continuam os assassinatos de jornalistas e de líderes sindicais, estudantis e populares. Desde os dias em que alguém teve relevante participação nas lutas de resistência

aparece morto. Só entre os jornalistas já foram oito profissionais da imprensa. Quando a noite chega o terror é sentimento corrente entre os que trabalham na área, porque sabem que a qualquer momento podem tombar. Nas fotos, a luta da população do país desde o golpe militar em junho de 2009.



Mulheres em resistência,

Esta crônica acontece no domingo 11 de abril de 2010. Enquanto isso, na Venezuela as bases bolivarianas chamam a uma concentração multitudinária em Puente Llaguno. Recordam a ascensão e queda do oligarca Carmona Estanga, "O Breve", segundo ironizou J. L. Berterretche. Festejam o contra-ataque popular na Venezuela. Estas linhas não perderão vigência a respeito de Honduras. De ontem para hoje, 8 pessoas foram assassinadas em Tegucigalpa. A Resistência é massacrada de forma seletiva. A ópera macabra segue seu curso.

Assassinaram nestes meses a: Manuel Flores, Ramón García, Francisco Alvarado, Felix Murillo, Antonio Leiva, Gabriel Noriega, Mario Contreras, Abraham Osorio, Pedro Magdiel Muñoz Salvador, Isis Obed Murillo, Roger Bados, Roger Vallejo, Ismael Padilla, Jairo Sánchez ...

E as mulheres hondurenhas, onde estão? Morrendo também. Padecendo a reação machista do golpe, perseguidas como professoras, como companheiras, como militantes, como líderes sociais, tanto no movimento urbano como no camponês e no indígena. Ali estão as mulheres. As mulheres da América Latina, as nossas companheiras, nossas pioneiras da vida, caem e ressuscitam, se cobrem de sangue, se lavam com a glória do Povo/Povo, se comunicam, estão atentas. Por Honduras as mulheres se

sacrificam lá, e se comunicam cá. As mulheres de Abya Yala em estado de Resistência, em estado de Mãtria Urgente, as filhas da Pacha Mama.

As de Atenas esperavam pacientemente seus maridos. As mulheres de Honduras acompanham ou lideram seus companheiros. Outros tempos, nova versão dos velhos tempos recontecidos. Andam por Mesoamérica os espíritos indos e vindos de Juana Azurduy, Micaela Bastidas, Manuela Sáenz. Andam por Meimbipe as loucas de todas as manifestações e as novas em descoberta de novas verdades. São as inexatas formas da mulher antiburguesa. "- A mulher maluca que busca sarna para se coçar" segundo os conservas. As mulheres renovadas no espírito da liberdade, que acolhem seu reto, que abrigam a luta pelo novo. Essas malucas contagiosas daqui se ligaram à rádio, à internet, e teceram uma ponte firme entre Tegucigalpa e Meimbipe. Temos loucas cá, há loucas lá. Mulheres fascinantemente incômodas em ambos os lados da Resistência. As Penélopes da Liberdade que agora chegará.

Lá em Honduras Wendy Ávila recebeu honra eterna do seu Povo quando assassinada pelos gases tóxicos jogados contra a Embaixada do Brasil. Ela e seu namorado iam e vinham de moto, levando ajuda, mobilizando, construindo a Resistência.

Wendy foi velada no Sindicato de Trabalhadores da Indústria, da Bebida e Similares, tinha 24 anos e um amor.

Miriam Santini de Abreu foi das primeiras a reagir contra o golpe cavernícola em Santa Catarina. Puxou folhas e com outros companheiros foi-se a ocupar a esquina democrática de Meimbipe, juntando assinaturas de apoio à Resistência e à democracia. Como trabalhadora do jornalismo levou o debate ao seu Sindicato, que a apoiou para a visita a Meimbipe de Rony Martínez, de Rádio Globo Honduras.

Depois de sofrer perseguição administrativa no seu trabalho de enfermeira, Vanessa Zepeda, uma lutadora social da Resistência, que apenas tinha 29 anos, saiu da sua casa e não voltou nunca mais. Seu corpo foi jogado no chão desde um carro quando caia a noite de 3 de fevereiro de 2010, vestia uma camiseta de El Che. Vanessa Zepeda tinha traços na sua cara que irritam à oligarquia hondurenha. Seus olhos hoje vigiam junto com os de Morazán.

Quando aconteceu o Golpe de Estado em Honduras, Allisson Gabrielle se enfileirou definitivamente com o povo catracho e chorou tantas e quantas vezes se sentiu impotente em sua cadeira de rodas. Acorda ainda com o som de Rádio Globo Honduras. A conhecem em Tegucigalpa como a ouvinte mais persistente, porém, Allisson Gabrielle mora

Foto: Agências e Blogs alternativos



Berta Cáceres

Foto: Arquivo pessoal



Larissa Cabral

Foto: Ricardo Casarini



Urda Klueger

Foto: Agências e Blogs alternativos



La Pichu

lá e cá

Por Raul Fitipaldi, de Florianópolis

em Meiembipe. Estabeleceu sua ponte diária com Honduras e hoje faz parte da quebra do cerco mediático.

Lenis Fajardo é jornalista. Colega admirável, fez chorar a um homem experiente, um jornalista exemplar: “-Sabe, eu chorava quando Lenis ia fugindo dos gases lacrimogênicos, entre as balas e os gritos. Ela é uma jornalista incrível, que mulher valente...” dizia ao jornalista Rony Martínez, o nosso Celso Martins. Como Diana Canales e outras colegas éticas e comprometidas com a verdade, Lenis tornou-se um exemplo para o jornalismo mundial.

Vanessa Bortucan jamais imaginou que com o passar do tempo iria se envolver na causa dos povos. Hoje tem uma responsabilidade importante, co-dirigir um sítio de política e cultura. Honduras entrou à sua vida pela militância comunicacional e não sai mais. Ele dedica parte do seu tempo a contribuir com a Resistência construindo um sítio que será lançado em breve, dirigido a informar desde a própria Honduras. Outra ponte com a terra de Lempira.

Berta Cáceres tem rosto de menina, quatro filhos e é líder do movimento camponês. É um anjo de combate. Esta mulher delicada, amável é a mais expressiva dirigente do campesinado e das Organizações Populares e Indígenas. Também é a líder do Movimento Feminista. Está à vanguarda

da Resistência desde o início. Sua palavra transcende nos meios de comunicação mundiais. Berta sintetiza como quase ninguém a luta das mulheres hondurenhas.

Você já leu seus contos, suas crônicas. Você sabe que Urda Klueger, a escritora blumenauense é suave como a brisa, e com ela viaja daqui acolá, tem orgulho supremo da Nossa América, dela escreve, sobre ela se debruça como matéria primordial. Mas, Urda não só escreve. Junto com Celso Martins é a maior alimentadora de informações sobre Honduras. Distribui as novidades com a disciplina e rigor militantes de um membro fundamental da Resistência. Urda, da cor do arroz novo.

Uma jornalista muito nova, todavia, companheira de um jornalista veterano. Faz cobertura de política em Honduras. Vai a Palácio. É expulsa de lá. Volta. Lembra ao tirano que é apenas um ditador. O tirano Micheletti enlouquece, grita, não pode vê-la na sua frente. Ela insiste. Vai atrás do General Golpista. O trata enquanto tal. O microfone em riste, Lidieth Díaz Valladares parece desconhecer o medo, a perseguição. Seu marido foge pela janela da rádio para preservar a vida. Ela segue perguntando. Merece morar aqui, entre as “loucas da Ilha”.

Existe Vida no Jornalismo Acadêmico (abuso de um rodapé amigo)! Larissa Cabral,

estudante que mal conheço, me surpreendeu num bar da UFSC. Entrevistava a Rony Martínez numa mesinha estreita. Depois apareceu numa conversa à noite e seguiu escutando, nada falou. Passaram-se os dias e decidiu: “Meu trabalho de fim de curso será sobre o jornalismo em Honduras”. Pode ser a única estudante de jornalismo da UFSC que se interesse por Honduras, mas, que gratificante, mais uma ponte, mais uma “louca” a caminho da verdade.

La Pichu, pelo apelido poderia ser um personagem de novela mexicana. Ou uma burguesinha filha de terratenente. Não é, não. La Pichu, ou Xiomara Hortênsia (filha de M. Zelaya), com seus modos suaves, seu gosto pelo violão, tem um discurso demolidor, um faro político aprimorado, é símbolo da Resistência Juvenil. Encabeçou marchas e manifestações, desafiou golpistas, cardeais, militares, impérios e oligarcas. La Pichu é um dos quadros mais importantes que o Movimento Social ganhou nestes tempos. É uma mulher de luta, preparada para a lide-

rança. Tem 25 anos apenas, e muita Honduras pela frente.

Das loucas falei e nelas às loucas reverencio. As loucas, as bruxas, as malditas, são elas as vigas das pontes, as luzes das trilhas, e as brisas que as mexem e perfumam. Uma pequena gaúcha de estirpe pátria, uma latino-americana feita de barro santo, tem animado e compartilhado com este modesto caga-tintas todas as paixões que nos despertou o tempo Honduras. Sabe... sabemos, que o Golpe em Honduras não pode passar, que ainda há Golpe em Honduras, que há que derrotá-lo para que não se expanda. Por isso, essa filha eleita de Abya Yala não fugiu, não fugirá nunca ao seu compromisso com os povos oprimidos. Por isso também, é a base da ponte, é o sangue e a letra da ponte Tegucigalpa-Meiembipe. Gracias Elaine Tavares, que le quitas las fronteras a la Patria Grande, que abrigas a los hijos de Honduras como a los hijos de toda Nuestra América. OBRIGADO POR RESISTIR NA VANGUARDA DO JORNALISMO PARA OS POBRES.



Da esquerda para a direita: Vanessa Zepeda, Lenis Fajardo, Allisson Gabrielle e Vanessa Bortucan

Serra minha e do Mar

**Texto e foto: Míriam Santini de Abreu,
de Florianópolis**

A gente nunca sabe de onde nos chega um amor. Como ele se alastra pela memória e se enraíza tão fundo que parece fluir pelo corpo a cada pulsação. A Serra do Mar é assim. Um pulsar mineral, vegetal, cuja origem em mim se perdeu num emaranhado de impressões, lembranças, invenções. Elas se tornam concretas em diferentes coordenadas geográficas onde a Serra se fez paisagem e vivência. Latitudes, longitudes e altitudes que são Serras no meu corpo.



Ubatuba, São Paulo 23° 21' 20.94" S - 45° 07' 59.62" O –
Elevação: 971 m

É tortuosa a descida que, pela rodovia Osvaldo Cruz (SP 125), liga o planalto ao litoral paulista. A imagem de satélite mostra a estrada cheia de curvas, fino risco de asfalto que corta o Parque Estadual da Serra do Mar. Ao pé da Serra está Ubatuba, onde, no século 16, se passou parte da curiosa história de um alemão chamado Hans Staden. Eu a li num relato escrito por ele e publicado no Brasil com o título "Verdadeira História dos Selvagens, Nus e Devoradores de Homens, Encontrados no Novo Mundo, A América".

Staden veio para o Brasil duas vezes e, na segunda, ficou prisioneiro dos índios tupinambás. A narrativa das artimanhas que ele usa para evitar ser devorado são... saborosas! O alemão, que fez um autêntico trabalho de repórter ao contar o modo de vida dos índios, consegue escapar numa troca com tripulantes de um navio francês na atual Niterói.

Com base no livro, escrito depois na Alemanha, conclui-se que Staden passou por Ubatuba quando os tupinambás levaram-no em uma expedição de guerra de 38 barcos. Ali, segundo o relato, eles acamparam e pegaram muitos peixes.

Num fevereiro chuvoso em que caminhei naquelas praias recortadas, à frente o Atlântico, atrás a Serra, eu era canoa, índio, peixe. Do que vi, do que me lembro, a prisioneira daquela Serra era eu.



A Serra do Mar vai do norte de Santa Catarina ao Rio de Janeiro, onde encontra a Serra da Mantiqueira, que se prolonga até o Espírito Santo. O granito que a forma tem mais de 600 milhões de anos. No período mesozóico (250 a 65 milhões de anos atrás), a região onde é a Serra do Mar foi um grande deserto.

Joinville, Santa Catarina 26° 15' 34.80" S - 49° 00' 21.82" O –
Elevação: 973 m

Joinville, cidade esparramada, de um lado o ventre líquido da Baía da Babitonga, de outro as escarpas da Serra do Mar, que vi pela primeira vez naquele ano de 1995. Outra mulher, 145 anos antes, em 1850, também aportou ali. Era Julia Engell, alemã, como Hans Staden, e com uma história igualmente fascinante, que descobri no livro "Era uma vez um simples caminho... Fragmentos da história de Joinville", da historiadora Elly Herkenhoff.

O pouco que se sabia de Julia Engell, recuperado por Elly, foi contado por um dos primeiros cronistas de Joinville, o oficial do exército Theodor Rodowicz-Oswieczmsky, em um livro editado na Alemanha em 1853. A história se liga ao início da colonização do mais populoso município catarinense, na época chamado Colônia Dona Francisca. Em 1850 esteve ali o engenheiro Hermann Günther, com a atribuição de fixar o núcleo da Colônia e demarcar os lotes de terra para receber os primeiros colonos.

Rodowicz conta que Hermann Günther chegou ao Rio de Janeiro em 1849. Antes de embarcar rumo ao norte catarinense, o engenheiro solicitou, a um funcionário da firma que o contratara, um terno para vestir um "pobre homem" que desejava levar como servente. Esse homem na verdade era Julia Engell! Segundo Rodowicz, Julia – que ele classifica de "heróina de barricadas" – iria viajar para a Austrália e, no Rio, já havia "perdido toda a cotação" por causa de sua ligação com Günther.

Atribui-se a Julia a autoria dos desenhos de uma supostamente próspera colônia que foram publicados em jornais da Alemanha. Por causa deles, diz Rodowicz, muitos decidiram tentar a sorte na futura Joinville. Viram, ao chegar, praticamente apenas a Serra e a densa floresta. Para mim, Julia, em seus desenhos, anteviu o futuro.

A historiadora Elly Herkenhoff recuperou um outro trabalho que cita Julia Engell. Através dele ficamos sabendo que ela participou – como pioneira do movimento feminista – da luta revolucionária de 1848 em Berlim, e teve que

abandonar a Alemanha. Naquele ano trabalhadores levantaram barricadas em Berlim e obtiveram vitórias sobre a aristocracia. Elly Herkenhoff lembra que no episódio a feminista e jornalista Louise Otto-Peters lançou seu programa de ação, que buscava uma estrutura estatal e jurídica para proteger e organizar o trabalho feminino, reclamando para a mulher o direito de se instruir em diversas profissões.

Depois que voltou ao Rio com Hermann Günther, de acordo com a pesquisa de Elly Herkenhoff, Julia foi diretora de um colégio em Limeira, São Paulo, onde também atuou como educadora. Ainda voltou a Berlim e faleceu na Suíça.

Era tudo o que eu sabia sobre Julia Engell, e de 1995 para cá volta e meia eu buscava informações sobre ela. Já havia vasculhado o Arquivo Histórico de Joinville, onde vi seus desenhos, e até para a prefeitura de Limeira telefonei, numa pesquisa inútil. No dia de abril em que terminei essa crônica, mais uma vez coloquei o nome dela em sites de busca, e apareceu uma referência que eu nunca havia encontrado. Era um texto de Elke Dislich, pesquisadora autônoma em São Paulo, que o publicou na página do Instituto Martius-Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão.

Há 15 anos eu procurava aquela vida que cruzou com a minha, com a diferença de um século e meio, em Joinville. Ao ler o tão generoso resultado da pesquisa de Elke Dislich, compreendi por quê. O mundo que Julia e eu compartilhamos é maior do que eu poderia supor, e a paisagem que nos enlaçou foi a da Serra do Mar.



Salto do Cubatão, Monte Crista e Castelo dos Bugres. Endereço: Serra Dona Francisca, no Norte de Santa Catarina.

O primeiro, uma queda de água de 300 metros de altura, há alguns anos ameaçada pela construção de uma usina hidrelétrica;

no segundo, dizem as lendas, os jesuítas teriam escondido imensos tesouros;

no terceiro, conta um poema anônimo publicado em 1896 num antigo jornal de Joinville, com base em uma saga transmitida pelos indígenas, está preso um cavalo branco à espera de seu senhor.

Visitei esses três lugares. Ali, como em toda a Serra, inscreve-se uma saber geológico, geográfico, de fauna, de flora, há séculos um pisar de gente e de bicho. E eu, como Julia Engell, desenho essa paisagem com olhos de quem ali vê, cristalizada, toda a memória humana.

Eu, na Serra do Mar, sou negra, índia, tropeira, caboclinha. Nas madrugadas de lua cheia, galopo de um cume a outro, de Santa Catarina ao Espírito Santo, no dorso de um cavalo campeiro mágico.

Num filme, "O Paciente Inglês", a personagem diz que nós somos os verdadeiros países, e não as fronteiras desenhadas nos mapas. E penso que os verdadeiros mapas são os nossos corpos. O meu, de norte a sul, é um granito coberto de mata, úmido de águas oceânicas, onde às vezes sopra areia daquele antigo deserto. Iluminam-me as cidades, e também me escurecem. Na noite do tempo, eu e a minha Serra nos dobraremos de vez ao Atlântico.



O texto de Elke Dislich sobre Julia Engell está em: http://www.martiusstaden.org.br/files/Rellibra/Autores/JuliaEngellGunter_Dados.pdf

"Em Ubatuba eu fui canoa, índio, peixe".



Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



as delícias de
Su&Li

Sabores de Piracicaba

"Dona Zira é daquelas pessoas com dois nomes", falou a Margarete, quando ainda estávamos no carro a caminho da casa de sua mãe, com a missão de aprendermos a receita da legítima pamonha de Piracicaba. Ela contou que sua mãe nasceu na área rural da cidade e que, antes mesmo de ser registrada, passou a ser chamada de Alzira por todos. Como sua mãe engravidou novamente em seguida, resolveram esperar pelo outro rebenito para resolver o registro de ambos numa única viagem à cidade. Lá se foram três anos até finalmente a mãe receber o registro oficial e, surpresa! com o nome Narcisa Altafin Guarnieri, no que parece ter sido uma homenagem à avó da criança.

Depois do relato, já logo na chegada fui perguntando a Dona Zira como deveria creditar a receita e a resposta veio decidida: "Com o meu nome de verdade, Narcisa."

Dona Zira é aquele tipo de mulher cujo cabelo grisalho e filhos adultos denunciam a idade, mas cujos olhos tem o brilho e a força da juventude eterna. Uma ítalo-brasileira nascida em Piracicaba, que

carrega consigo orgulho evidente pela vida simples e digna e uma simpatia natural.

Encontrar uma receita piracicabana típica foi minha proposta em uma rápida viagem que fiz para conhecer a histórica cidade do interior paulista, atual morada de Ana, uma grande amiga. Peixe, pinga e pamonha são os produtos locais típicos apresentados pelos materiais distribuídos aos turistas. Por isso, a ida até a casa da Dona Zira em busca da receita apresentada aqui.

Disposta, ela foi logo passando a receita, confundindo-se um pouco com a do curau, de ingredientes muito semelhantes mas com outro modo de preparo. Mas ela fez questão de passar mais uma receita. "Como você fala? Polenta ou pulenta?" perguntou, com ar malicioso. "A gente aqui fala pulenta, mas você escreve direito aí", recomendou. A receita da "pulenta" de dona Zira fica guardada, para outra edição.

Foi um contato rápido, com a promessa de visita futura para degustar esses sabores, essa sim, a melhor parte das receitas...

- Escolha 12 espigas de milho verde granadas;
- Descasque as espigas e reserve as melhores palhas;
- Corte os grãos rente à espiga e coloque no liquidificador, com 2 xícaras de açúcar e um pouquinho de leite ou água;
- Bata tudo até resultar num creme grosso;
- Pegue as cascas do milho, de duas em duas, faça uma dobra e preencha com o creme, fazendo um saquinho, e amarre em cima com um cordão;
- Numa panela bem grande, ferva água e mergulhe os saquinhos, deixando cozinhar por cerca de 40 minutos.

***"Pamonhas, pamonhas, pamonhas,
pamonhas de Piracicaba. É o puro
creme do milho verde"***



“Já acabou a época de acabar”: avança o valente povo Xokleng

Texto e fotos: Elaine Tavares,
de Florianópolis



Quando Cabral chegou às águas da Bahia, na região sul de Pindorama, onde hoje é Santa Catarina viviam os Guarani, os Kaikang e os Xokleng, sendo que os primeiros vestígios de comunidades humanas nestas paragens datam de 5.500 anos. Para os Xokleng, a terra conhecida chamava-se La Klãnõ, que na sua língua quer dizer “território dos caminhantes do sol”, ou “da gente que vive sob o sol”. Eles são do tronco linguístico Jê e, segundo estudos feitos pelo antropólogo catarinense Silvio Coelho dos Santos, no passado, viviam divididos em três grandes grupos. Um deles circulava pela região do Vale do Itajaí, outro na cabeceira do Rio Negro, na fronteira com o Paraná, e o terceiro, no sul, próximo a Tubarão. Eram nômades, caminhavam pelo território em busca de caça e pesca e não eram dados as artes agrícolas. Seu centro vivencial se dava em torno da mulher. Ela decidia onde parar, descansar suas tralhas domésticas e fazer o fogo. Ali o grupo

então permanecia por alguns dias. Viviam no tempo e só construíam abrigos feitos com ramas de árvores nas épocas de chuva. Seu espaço de andanças na busca da caça cobria desde Curitiba, no Paraná, até a região de Porto Alegre. No litoral viviam os Guarani, e os Kaikang um pouco mais para dentro, no lado oeste. Com estes, os Xokleng viviam de escaramuças.

Por conta da proximidade com o mar os Guarani foram os primeiros a serem encontrados pelos brancos invasores, quando estes começaram a descer a costa. Logo passaram a ser capturados para servir de mão-de-obra escrava. Mas, por causa da resistência que empreenderam e também das doenças, este povo foi praticamente dizimado. Poucos restaram, fugindo para dentro do continente, outros foram escravizados. Já os Kaikang e os Xokleng só foram vistos bem mais tarde quando os paulistas iniciaram as rotas de comércio com o Rio Grande do Sul tendo

os tropeiros como os desbravadores, por volta de 1728, portanto, mais de 200 anos depois da conquista. Mas, eram encontros fortuitos. No geral, quando viam os brancos ocuparem seu território, os Xokleng resistiam bravamente, passando a ser reconhecidos pela sua valentia. A região ocupada por esta etnia era o espaço das araucárias, que, para eles tinha importância fundamental. Toda a base da sua alimentação era o pinhão, e é bem provável que tal qual os Mapuche, da Argentina e Chile, também moradores de terras de araucária, estes espaços fossem considerados sagrados.

Foi com o surgimento da cidade de Lages, em 1771, que a saga de destruição dos originários tomou mais força. Colonos vindos de São Paulo ou de outras regiões do Brasil montavam fazendas para criação de gado e cercavam as terras. Depois, com a chegada dos imigrantes europeus, no início do século XIX, outros espaços de terra lhes

foram tomados, a ponto de uma carta régia de Dom João VI estabelecer o início de uma guerra de extermínio. Os conflitos eram inevitáveis. Uma triste história, pois tanto os Xokleng defendiam suas terras, quanto os imigrantes buscavam o cumprimento de uma promessa de vida melhor. Mas, neste embate, os originários eram os que levavam a pior, uma vez que sequer eram considerados “humanos”. Pejorativamente chamados de “bugres”, os Xokleng passaram a ser caçados como bichos pelos “bugreiros” que os vendiam no mercado de escravos e defendiam as terras dos imigrantes. Naqueles dias, a vida dos Xokleng, que adentravam o mato e observavam, curiosos, a horda dos brancos, entraria num redemoinho sem volta.

Os Xokleng tinham uma longa tradição guerreira, uma vez que viviam de escaramuças com os Kaikang e a presença dos brancos ia, pouco a pouco, inviabilizando a coleta de alimentos. Sem

a prática da agricultura, guerrear com os invasores passou a ser vital para os grupos originários. Uma coisa levou a outra, e o governo também decidiu proteger as terras com milícias armadas. Cada vez mais os indígenas ficavam encurralados, uma vez que não tinham para onde fugir. Assim, exército regular e tropas de bugreiros iniciavam a “civilização”, como eles mesmos anunciavam nos jornais da época. E, esta, nada mais era do que o massacre sangrento de famílias inteiras dos Xokleng. Nem mulheres ou crianças eram poupadas. O índio era visto como um simples obstáculo que deveria ser transposto em nome do progresso e da vida feliz das famílias brancas. Ninguém levava em conta que aquela era uma terra que tinha dono.

A “pacificação”

No início do século XX, depois que grande parte do território dos Xokleng já estava loteado e um expressivo número de indígenas mortos, em

1914 dá-se o que ficou conhecido na história por “pacificação”. Naqueles dias, a já então República tinha o índio como um “problema nacional” e no início do século XX Cândido Rondon havia iniciado sua cruzada de integração do indígena à vida brasileira, sempre pela paz. Em 1910 o Estado criou o Serviço de Proteção ao Índio, tendo como lema o axioma de Rondon: morrer se for preciso, matar nunca! Chegava a hora do fim do massacre pelas armas e começava uma proposta de “integração” que, apesar da boa vontade, também confinava o índio e obrigava os povos a assumir uma nova cultura, assim, de choque cultural do qual poucos se recuperaram.

Em Santa Catarina a história oficial conta de um jovem idealista, Eduardo Hoerhan, que havia assumido o SPI e buscava um encontro com os Xokleng para acabar de vez com as escaramuças entre indígenas e colonos imigrantes. A proposta era pacificar e aldear

os Xokleng para que as comunidades criadas nas terras originárias pudessem produzir e viver em paz. Dos desejos dos índios ninguém quis saber. E assim, contam os livros que depois de algum tempo de "namoro", com conversas (Eduardo arranhava a língua dos Xokleng) e com a entrega de presentes, ele logrou atrair os indígenas e pelos menos uns 400 deles passaram a frequentar o chamado "Posto de Atração". Mas, apesar disso, os "bugreiros" continuaram a atuar na região, afinal, muitos grupos de indígenas ainda vagavam pelas florestas e até os anos 40 ainda se avista um ou outro resistindo ao aldeamento.

Foi no ano de 1918 que Hoerhan chegou a Ibirama com um grupo de 200 Xokleng e foi ali que se demarcou um espaço para que a comunidade passasse a viver. Naqueles dias, conta Silvio Coelho, os chamados "botocudos" eram como bichos no zoológico e de todos os cantos do estado vinha gente para vê-los, acudidos e tristes, finalmente pacificados. Assim, de caminantes sob o sol, nômades e livres, os Xokleng passaram – num átimo – a sedentários e dependentes da boa vontade governamental. Uma mudança brusca demais na cultura e no

modo de ser a gerar consequências que perduram até hoje. Uma foto, reproduzida no livro de Silvio Coelho "Índios e Brancos no Sul do Brasil – a dramática experiência dos Xokleng", dos primeiros anos de "pacificação", é a prova viva do horror vivido pelas gentes Xokleng. Nela, uma mulher abraça uma menina, mas o que toca a alma são os olhos. Os da mulher expressam um profundo sentimento de tristeza e derrota e a menina olha para câmera cheia de terror. Agarradas, as duas se protegem, mas sabem que a vida nunca mais será a mesma. É o fim do seu mundo.

A voz Xokleng

Convidados pelo Grupo Livre de apoio aos Povos Indígenas de Santa Catarina e reunidos em Florianópolis, em dezembro de 2009, os 18 caciques da área Xokleng La Klãnô, apresentaram outra versão da história, desde as suas memórias mais antigas. Conta o diretor da Escola Bugiu, José Cuzung Ndilli, que a chamada "pacificação" não foi conseguida por Eduardo Hoerhan, como diz a versão oficial. "Foram nossos líderes que, em 1909, se juntaram e decidiram que não dava mais para ficar guerreando com aquela gente que

chegava. Foram eles que decidiram fazer o contato com os brancos, indo na casa de Hoerhan. Foi nosso povo que decidiu pela paz. A gente confiou nos brancos e é tão rejeitado até hoje". Naqueles dias, diz ele, dos 400 que fizeram contato, sobraram apenas 120, por conta das doenças que apareceram. "Hoje, passados 70 anos, nós somos dois mil índios e continuamos crescendo. Já acabou a época de acabar. Nós somos um povo difícil de se extinguir".

Ndilli diz que atualmente os Xokleng ainda sofrem com a perseguição e o preconceito. Isso sem falar na falta de respeito do governo para com eles, como ficou claro na construção da Barragem de Ibirama, nos anos 70, que alagou terra e desalojou várias famílias, diminuindo ainda mais o território. "A gente sabe que as lideranças da época aceitaram a barragem, mas como foi o processo? O branco sempre quis ser superior ao índio e não leva em conta as nossas necessidades. Ele sabe que a terra é nossa, mas tem essa ganância". Há pouco tempo, em 1991, os Xokleng chegaram a tomar o canteiro de obras da barragem exigindo o cumprimento das promessas, que não saíram do papel. "Tem muita gente sem casa, não há

um estudo de impacto ambiental da barragem e nós queremos ver. Porque se o verde da bandeira ainda está aí, intacto, é porque nós protegemos. O que é história de progresso para o branco, pra nós é sofrimento".

O professor Ndilli insiste que os Xokleng vão seguir lutando pelos seus direitos, pelo cumprimento das leis, embora saiba que para o governo seria bom o índio não ter história nenhuma. "Eles gostariam de ter uma borracha gigante que apagasse tudo, mas não vai ser assim. Em 2014 serão os 100 anos do contato. Que vamos fazer, festa ou o quê?"

Livai Paté, que é representante dos Xokleng no Conselho de Saúde, diz que não gosta de lamentar o passado, mas que sempre é bom lembrar para que as coisas não aconteçam de novo. "Nós também queremos viver, ter nosso direito, nossas terras, educação, saúde. E há que respeitar nossa forma de viver, de praticar a medicina. Essas terras eram nossas, e agora temôs de ficar confinados em lugares ruins. A terra onde estamos é uma pirambeira, as melhores foram tiradas de nós. A gente não pode aceitar".

Vomble Paté é representante da área de Palmeira e reclama da falta

de interesse por parte das pessoas brancas, com relação aos problemas indígenas. "De cada 10, dois se interessam. A gente vem aqui na universidade e não aparece estudante. Mas nós queremos dizer a nossa versão da história. Esse Eduardo (Hoerhan, o pacificador) não significa nada pra nós. Ele matou um companheiro que foi buscar nosso direito. E essa matança continua. Antes eles matavam com arma de fogo, agora matam com a caneta".

A vida em movimento

Enoke Popó é cacique na aldeia Figueira. Ele conta que os Xokleng se dividiam em vários grupos e tinham como modo de vida a coleta e a caminhada pelo território. O pinhão era o alimento principal. Durante a época da colheita eles juntavam tudo o que dava, para poder durar até a próxima. Depois, coziavam e armazenavam embaixo da terra, enrolado em folhas, o que garantia a sua perenidade. O local mais abundante era a Serra da Abelha, onde é hoje o município de Vitor Meireles. "Os mais velhos sempre sabiam onde era o melhor lugar pra acampar. A gente circulava por um território de mais de

34 mil hectares e agora estamos confinados num espaço de 14 mil. Hoje estamos aí na luta para ampliar esse território. O branco fala que a gente não precisa disso tudo. Mas essa terra é nossa. É um direito nosso e queremos manter".

Enoke lembra que não foi fácil para o Xokleng sair da vida nômade para a sedentária, como também foi difícil aprender a arte da agricultura. E quando eles conseguem, vem o governo e tira a terra, como foi na época da construção da barragem. As melhores foram alagadas e eles tiveram de ir para as regiões de rocha. Não é sem razão que eles procurem se manter mais com o artesanato do que com o plantio de alimentos. Sem a tradição ancestral e sem terras, fica quase impossível virar agricultor. Já a coleta do pinhão também é cada vez menor porque a região está tomada pelo pinus, sendo a araucária um ente em extinção.

"A gente tem de viver dependendo do governo e este ano eles mandaram apenas uma cesta básica por família. Uma, de 26 kg de alimento. E o resto do ano? Como faz? É por isso que os jovens estão saindo, vão trabalhar de empregado nas fazendas, na cidade, e aí perdem o costume".

Sobre a religiosidade

Enoke conta que quase todo o povo Xokleng é evangélico. E Silvio Coelho mostra, no seu livro sobre os Xokleng, como esta igreja acabou sendo responsável pela retirada de muitos dos indígenas do vício do álcool que havia sido contrabandeado para as aldeias para que o branco melhor dominasse. Por outro lado, as velhas tradições, uma vez que não são mais vividas, acabam se perdendo da memória. "A gente conta para as crianças dos deuses antigos, da chuva, do trovão, do relâmpago. O povo antigo se amparava nas forças da natureza. Mas é só uma lembrança que a gente passa no dia do índio. Sobrevivem alguns rituais que a gente faz nos casamentos e batismos. Alguma coisa fica. Agora, a língua não. A língua a gente preserva".

Os Xokleng vivem na região de Ibirama, em Santa Catarina, numa terra de 14 mil quilômetros quadrados. São 18 aldeias que perfazem o território La Klãnõ, com 88 famílias e duas mil almas. Cada área tem um cacique que é eleito pelos membros da aldeia e cumpre um mandato de três anos. "É bom, porque a gente fica perto. Se o cacique não cumpre o que prometeu, o povo cobra na hora".

Sobre os movimen-

tos de povos originários na América Latina os Xokleng sabem muito pouco. Os brancos que convivem com eles não levam estas informações. "Só no Brasil são 250 povos, com línguas diferentes. A gente tinha de ter uma língua índia pra se comunicar, talvez aí a gente pudesse entender as outras lutas. Nós, aqui, planejamos nossa ideia na nossa língua, mas depois temos de falar em português. Isso é ruim".

E assim segue este povo que ainda não consegue se sentir em casa, apesar de estar no seu território. Sem terra boa, sem araucária, sem pinhão, sem os direitos básicos respeitados eles fazem o que sempre fizeram: lutam. Pode ser devagar, pode ser isolado, pode ser difícil. Mas é como eles sabem fazer. O povo caminhante do sol conseguiu vencer os bugreiros, a invasão, o medo, a dor. Saíram de 120 almas em 1920 para os dois mil que são hoje. Parece pouco, mas não é. Não para uma gente que já sofreu tanto e que vive abandonada na "Europa do sul". Mas, naquele silencioso jeito de ser, eles vão gestando o amanhã esperado. Que ninguém se engane, o valente povo Xokleng, que dominou as florestas de Santa Catarina, segue em pé, e avança!...



Dois blogs para viajar

Por Rosângela Bion de Assis, de Florianópolis
Foto: Amberson Vieira de Assis

Em outubro de 2009 eu e o Amberson fizemos uma viagem que começou em Praga e Amsterdã, depois prosseguiu por Brugge, Gent e Ostend na Bélgica e terminou em Paris. Foram 19 dias de muitas descobertas, alguns sustos e muitos deslumbramentos. Anotações sobre a viagem, folhetos de divulgação, tickets, cartão telefônico, ingressos e até fundo de copo foram guardados para produzir um relato da viagem. Também os arquivos de imagens, mais precisamente 1.166 fotos e 25 vídeos, ajudaram a resgatar as lembranças que foram parar em dois blogs.

A única pretensão deles,

a exemplo do que foi feito em 2007 (<http://viagemdeambersonerosangela.blogspot.com>), é mostrar algumas das lindas fotos produzidas pelo Amberson e dividir essa parte da nossa história. Quem passear

pelos blogs não verá muitos dados históricos, mas entenderá como dois manezinhos, um do Ribeirão da Ilha e uma do Saco dos Limões, se viraram na segunda aventura do outro lado do Atlântico.



- Endereços dos blogs:
- <http://viagemdeambersonerosangelaeuropa2009.blogspot.com>
 - <http://viagemdeambersonerosangelafranca.blogspot.com>



No Centro de Amsterdã, bicicletas por todo lado.

Um e outras

Por Celso Vicenzi, de Florianópolis



Celso Vicenzi, jornalista, já foi presidente do Sindicato dos Jornalistas/

SC, Prêmio Esso de Jornalismo e atualmente assessora um sindicato e uma cooperativa de crédito.

EXPLICAÇÃO. Corrupto é um sujeito que nunca põe a mão na consciência porque ambas estão ocupadas contando dinheiro.

DILEMA. OK, é preciso ouvir a voz da consciência. Mas se ela também for corrupta?

CUIDADO! Nem tudo que se faz debaixo das cobertas dá para acobertar.

EXPLICAÇÃO. As coisas demoram no Brasil porque os cidadãos procuram pelos canais competentes. E não acham, é claro!

DÚVIDA DE ECONOMIA. Não entendo muito de economia. Será que a âncora cambial é para segurar o câmbio flutuante?

LADAINHA. O papa, quando insatisfeito, tece um rosário de queixas.

SABOR DO SABER. Espremer ideias gera um caldo de cultura. Feito com os frutos do conhecimento.

A LÍNGUA. Faça tudo com apreço, mas na hora de apreçar, não tenha pressa.

AUTOENGANO. Sempre que meço a minha barriga, não sei por que, tenho a impressão de estar redondamente enganado.

QUENTÍSSIMO. Pior do que o destemperado verbal é o discurso apimentado.

PRESTE ATENÇÃO. Nem toda violência é gratuita. Tem assaltante cobrando caro.

ESCOLHA DO VERBO. Piloto de avião não se hospeda, pausa.

É outono

Por Rosangela Bion de Assis,
de Florianópolis



Para o meu amor, Amberson

É outono. O calor já não sufoca e o vento nordeste entra de sandálias de borracha, remexendo cortinas e folheando revistas. Nessa época do ano o violão vem morar no meio da sala, é recebido como aquele parente querido que aguardamos com tanta saudade e para o qual reservamos a melhor cama, a melhor sopa.

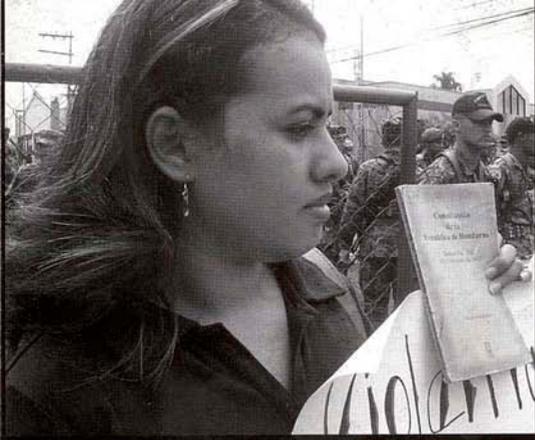
É outono. Tempo de colocar canela no café, banana pra assar e fazer nascer a melodia que ficou esperando todo o verão. Enquanto outras flores aparecem, dedos vão e vem, vão e vem buscando a nota certa, a dissonância mais delicada. O ritual se repete todos os anos e a casa se enche de sons e tons pastéis. A melodia vai entrando nos quartos, cai pela janela, vaza pelas frestas da porta. O ar torna-se mais denso e perfumado enquanto os sons são organizados por dedos vigorosos, inspirados, fortes e ao mesmo tempo tão delicados. Dedos mágicos.

É outono. As panelas exalam aromas, as meninas dançam no banheiro, enquanto as cordas do violão brincam de esconder a nota perfeita. A canção precisa nascer sem qualquer sofrimento, só assim ela terá o dom de elevar

os ouvintes a alguns dedos do chão e alguns segundos da realidade. E já chega saudosa de uma poesia, uma certa poesia menina que um dia passou e deixou cair um brilho que justificou a posição dos astros no céu.

É outono. O sol ilumina na medida certa, os fatos nos provocam mais que o esperado, a tartaruga entrou em hibernação, enquanto isso, palavra por palavra, beijo por beijo vai nascendo um grande amor. A poesia vem morar na letra da canção e tudo no mundo parece menos duro. Uma estrela que não existe começa a brilhar, uma criança chora, um cachorro volta com a bolinha na boca, uma nova música veio morar nesse mundo. Que dom abençoado!

É outono. As provas da mágica são guardadas num livro grosso, de capa preta, que acumula canções desse e de outros tempos, desse e de outros outonos. E para repeti-las é preciso mais que o violão, mais que todas as folhas do livro, é preciso de um encantamento que só ele possui. E para sorte nossa, há serenata na casa todos os dias e os sons rompem o outono, tornando o inverno menos cinza.



Fotos: Ronnie Huete

